



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

LENILSON ANTONIO DA SILVA

**ESCRITA FEMINISTA DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: UMA TRILOGIA
PARA O EMPODERAMENTO COLETIVO**

GUARARIBA

2023

LENILSON ANTONIO DA SILVA

**ESCRITA FEMINISTA DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: UMA TRILOGIA
PARA O EMPODERAMENTO COLETIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de
História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciatura Plena em História.

Área de concentração: História Cultural

Orientadora: Prof^a.Dr^a. Susel Oliveira da Rosa

**GUARABIRA – PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Lenilson Antonio da.
Escrita feminista de Chimamanda Ngozi Adichie
[manuscrito] : uma trilogia para o empoderamento coletivo /
Lenilson Antonio da Silva. - 2023.
28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa ,
Coordenação do Curso de História - CH. "

1. Chimamanda Adichie. 2. Feminismo Negro. 3.
Empoderamento. 4. Educação. I. Título

21. ed. CDD 907.2

LENILSON ANTONIO DA SILVA

ESCRITA FEMINISTA DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: UMA TRILOGIA PARA
O EMPODERAMENTO COLETIVO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a Coordenação do Curso em
História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciatura Plena em História.

Área de concentração: História Cultural

Aprovada em: 20/06/2023

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Susel Oliveira da Rosa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Dr^a. Dayane Nascimento Sobreira
Universidade Federal da Bahia (UFBA)



Prof^a. Mestranda. Fernanda de Araújo Oliveira
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Dedico aos meus pais Maria de Fátima
Moreira da Silva e Severino Antonio da
Silva, a meus irmãos/as, em especial a
Luciano Antonio da Silva (in memorian).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à força divina que me guiou em todos os momentos difíceis. Aos meus pais, que sempre me apoiaram emocionalmente e, sobretudo, financeiramente, para a continuação dos meus estudos. A todos/as meus amigos/as, em especial à Kassia Kiss Jacinto de Paula, obrigado por todos os conselhos, pelo o apoio e por me acalmar nos momentos de ansiedade, jamais esquecerei sua determinação para me incentivar a continuar firme, sem seu auxílio eu não teria seguido carreira acadêmica.

Obrigado Susel Oliveira da Rosa pela orientação, dedicação e todos os conhecimentos que me transmitisse. Imensa gratidão a Fernanda de Araújo Oliveira e a Dayane Nascimento Sobreira pela participação na minha banca.

Agradeço a coordenação do curso, assim como todo o corpo docente da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por me auxiliarem nessa jornada de conhecimento e por me ajudarem a construir uma mentalidade crítica.

Da mesma forma, gratidão a todos os meus colegas de turma, cada um foi importante durante minha graduação. E não menos importante, gratidão a todos os meus familiares, amo todos. Me sinto imensamente grato!

“As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. [...]” (ADICHIE, 2019, p. 32).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	PARA TODAS, TODOS E TODES: SEJAMOS TODOS FEMINISTAS (2015): ALTERNATIVAS PARA DESCONSTRUÇÃO DE GÊNERO	11
3	UM MANIFESTO PARA EDUCAR PESSOAS FEMINISTAS E EMPODERADAS	16
4	O PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA: EPISTEMICÍDIO E SILENCIAMENTO INTELECTUAL DO FEMINISMO NEGRO NA EDUCAÇÃO	20
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
	REFERÊNCIAS	26

ESCRITA FEMINISTA DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: UMA TRILOGIA PARA O EMPODERAMENTO COLETIVO

FEMINIST WRITING BY CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE: A TRILOGY FOR COLLECTIVE EMPOWERMENT

Lenilson Antonio da Silva¹

RESUMO

Partindo da questão da importância do Feminismo Negro para a educação e, para a sociedade, o artigo “Escrita feminista de Chimamanda Ngozi Adichie: Uma trilogia para o empoderamento coletivo”, objetiva, analisar criticamente três obras da autora, a saber, “Sejamos todos feministas” (2015), “Para educar crianças feministas: Um manifesto” (2017) e “O perigo de uma história única” (2019). Ao demonstrar na prática como as injustiças de gêneros se desenrolam nas dinâmicas sociais, buscamos enfatizar o potencial da escrita e do pensamento de Adichie para a construção de uma sociedade igualitária, para o empoderamento/fortalecimento coletivo, nos tocantes os feminismos, em especial ao Feminismo Negro e para a quebra dos padrões patriarcais-machistas vigentes. Sendo uma pesquisa de caráter qualitativo, faz-se uso então de outras literaturas para à fundamentação da proposta aqui exposta.

PALAVRAS-CHAVE: Chimamanda Adichie. Feminismo Negro. Empoderamento. Educação.

ABSTRACT

Starting from the issue of the importance of Black Feminism for education and society, the article “Feminist writing by Chimamanda Ngozi Adichie: A trilogy for collective empowerment”, aims to critically analyze three works by the author, namely, “Let us all be feminists” (2015), “To Educate Feminist Children: A Manifesto” (2017) and “The Danger of a Single Story” (2019). By demonstrating in practice how gender injustices unfold in social dynamics, we seek to emphasize the potential of Adichie's writing and thought for the construction of an egalitarian society, and for collective empowerment/strengthening, in terms of feminisms, in particular the Black Feminism, and to break the prevailing patriarchal-macho patterns. As a qualitative research, other literature is used to substantiate the proposal presented here.

Keywords: Chimamanda Adichie. Black Feminism. Empowerment. Education.

¹ Graduando do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: lenylsonantony27@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

As questões que implicam sobre os feminismos no cenário atual se fazem urgentes. Ao pensarmos os feminismos e sua relevância para a contemporaneidade algumas interrogações emergem, bem como: qual a importância do feminismo negro para a nossa sociedade, para a educação e em especial para o processo de ensino-aprendizagem de História? Ao inserirmos essas pautas no ensino básico, de que forma estaríamos contribuindo para o desenvolvimento de uma sociedade justa e humana de fato?

A problemática desta pesquisa surgiu com os questionamentos da importância do Feminismo Negro e de como as questões de gênero estão sendo desenvolvidas no ensino básico, especialmente na disciplina de História, visto que pensar racismo e sexismo entrelaçados se fazem urgente. Uma vez que por muito tempo, o processo de ensino-aprendizagem deste componente estava e ainda está pautado em um ensino canônico, superficial, mascarando um ensino elitista, eurocêntrico e ao mesmo tempo distanciando as/os alunas/os negras/os de suas raízes e culturas o “[...] desafio político é rejeitar quaisquer expectativas literárias elitistas, jargões acadêmicos, escrita complexa [...], abstrações científicas paradoxais sob a sombra iluminista eurocêntrica, míope à gramática ancestral de África e diáspora.[...]” (AKOTIRENE, 2019 p. 14).

Sabe-se que o feminismo é debatido nas escolas, porém, e o Feminismo Negro? Esta abordagem está inserida no campo de pesquisa denominada História Cultural, tratando-se de uma pesquisa qualitativa, tomamos o próprio tempo para a análise e como referencial teórico-metodológico, nos debruçamos sobre as escritas da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, uma das mais importantes jovens escritoras da diáspora Africana.²

Levando em conta a ausência de autoras/es subalternizados no ensino, gostaríamos de enfatizar que as obras feministas de Adichie se mostram reformadores, principalmente, para trabalharmos outros vieses dos feminismos nas instituições de ensino, com uma escrita acessível, direta e contemporânea, Adichie sabe para quem fala e onde quer chegar. Para desenvolver o texto, analisaremos três obras da autora, seguindo a ordem de publicação brasileira – publicadas pela Companhia Das Letras –, e dividiremos em seções dedicadas a cada um dos livros, são eles: “Sejamos todos feministas” (2015), “para educar crianças feministas: um manifesto” (2017) e “O perigo de uma História única” (2019), em diálogo com outras/os autoras/es para complementar o debate.

Inspirado em leituras de feministas negras, a exemplo de Grada Kilomba, Bell hooks, Sueli Carneiro, Lélia Gonzales, Djamila Ribeiro, Chimamanda Adichie e em artigos como “Para Educar Crianças Feministas: Um Manifesto Como Um Caminho Para Um Ensino Antirracista e Antimisógino”, escrito por Talita Ferreira Ferraz e Rodrigo Correia Machado (2022), ao qual também serviu de inspiração para esse artigo (TCC), pretendemos acrescentar e contribuir para tais estudos, onde sentimos “[...] a necessidade de expandir a produção literária trabalhada nas escolas. [...]” (FERRAZ E MACHADO, 2022, p. 08), pois, como fala Sueli Carneiro “[...] o aparelho escolar é um dentre os operadores de dominação e de “fabricação de sujeitos.”

² Chimamanda Ngozi Adichie nasceu em 15 de setembro de 1977, em Enugu, na Nigéria. Vale ressaltar que, a perspectiva feminista de Chimamanda Adichie parte dessa região geográfica, o que difere de outras noções feministas, geograficamente falando.

Sujeitos com sentimento de superioridade e inferioridade. Sujeitos soberanos e sujeitos dominados. Almas de senhor e almas de escravos” (CARNEIRO, 2005, p. 115-116).

Ainda mais importante de nos questionarmos é como essas temáticas devem ser trabalhadas em sala de aula e quais são as/os autoras/es que servirão de base para a estruturação dessas demandas. “[...] Em 2003 foi sancionada a lei 10.639/03, incluindo os artigos 26-A e 79-B da LDB e tornando obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e privadas dos ensinos Fundamental e Médio [...]” (GOMES, 2017, p. 35-36).

Em entrevista ao café filosófico, a socióloga e mestranda na área da educação Núbia Moreira, ao ser questionada por uma telespectadora sobre a não obediência da lei, e sobre o fato de muitas crianças terem que esperar a fase adulta/entrar na universidade para aprender a respeitar o outro, Núbia responde que as diretrizes curriculares deveriam inserir essas temáticas não como temas transversais apenas, elas deveriam impactar o conteúdo escolar nas disciplinas, porque isso mobilizaria uma transformação na formação de professores (2016).³

Debate necessário no momento presente, pelo fato de vivenciarmos um descaso na educação brasileira, com a implementação do Novo Ensino Médio em 2022 (Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017),⁴ ao qual, à História como disciplina passa a não ser mais obrigatória, arrancando dos discentes um ensino crítico, tão necessário para formar cidadãos éticos e com consciência histórica, restando somente português, matemática e inglês como componentes obrigatórios nos currículos nacionais, bem como a introdução de itinerários de formação técnica e profissional, estando a critérios dos estudantes a escolha da linha de estudo, o intuito seria formar pessoas tecnicistas para mãos de obras baratas?

Abarcando o convite de bell hooks em sua obra “Ensinando a Transgredir: A Educação Como Prática da Liberdade” (2013), celebramos “[...] um ensino que permita as transgressões – um movimento contra as fronteiras e para além delas [...]” (HOOKS, 2013, p. 24). Vê-se necessário então uma nova epistemologia, uma educação que permita novas formas de ser e de se posicionar no mundo, que abrace as diferenças e as intersecções, ou seja, “[...] pensar em feminismo negro é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual. Logo, é pensar projetos, novos marcos civilizatórios, para que pensemos um novo modelo de sociedade [...]” (RIBEIRO, 2019, p. 10).

São muitas as indagações concernentes. No ranking dos países onde mais se matam mulheres, o Brasil se encontra no quinto lugar, perdendo apenas para El Salvador, Colômbia, Rússia e Guatemala. Basta uma pesquisa rápida na internet para verificarmos a situação de violência que sofrem tais pessoas, uma pesquisa feita pelo G1 (globo.com)⁵ nos 26 estados, com base em dados oficiais, apontam que 75% das mulheres assassinadas no primeiro semestre de 2020 são negras, muitas vezes são assassinatos seguidos de estupros, consequência de um país misógino e sexista, atrelado ao racismo, que no caso do Brasil ainda se nega que exista.

³ <https://www.youtube.com/watch?v=TQa0La1YIFw> Acesso em: 07 mar. 2023. 47min 32s.

⁴ <https://infonet.com.br/blogs/sera-o-fim-da-disciplina-historia-no-novo-ensino-medio/> Acesso em: 10 mar. 2023. BRASIL. Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.

⁵ <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/09/16/mulheres-negras-sao-as-principais-vitimas-de-homicidios-ja-as-brancas-compoem-quase-metade-dos-casos-de-lesao-corporal-e-estupro.ghtml> – acesso em: dia 27 mar. 2023.

Considerando o mito da democracia racial, Lélia Gonzalez nos relembra que, “[...] para nós o racismo se constitui como assintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular [...]” (GONZALEZ, 1984, p. 224).

Portanto, uma educação/reeducação integral seria cabível, tanto por parte do governo (criações de projetos como as ações afirmativas) e igualmente no âmbito social (parentes, vizinhos). A esse papel de educação feminista, também, é importante conscientizar os familiares dessas crianças, bem como a criação de projetos voltados a estas pautas, onde seriam oferecidas palestras/encontros como forma de ativismo e conscientização, assim sendo, espera-se a formação de crianças e jovens ativistas, empoderados, autônomos e mais humanos. A exemplo o caso da pequena Melissa Guisar de 10 anos, que no ano de 2022 participou do parlamento infantil no México e fez um discurso poderoso, lembrando as vítimas do feminicídio e as desigualdades de gênero: “Nos queremos vivas. Hoje sou Debaní, sou Damaris, sou Ruby, sou Ingrid, sou Cláudia, sou Tereza, sou a menina que derrubaram a força. E se amanhã for eu, senhores, garantam que eu seja a última” (2022).⁶

Colocada a questão de como a igualdade de gênero vem sendo instituída nas instituições, é importante termos em mente que é impossível pensar gênero sem outras intersecções, as experiências são plurais, desta feita, nos remetendo ao pensamento da autora negra Carla Akotirene (2019), que longe de criar cisões ou hierarquizar opressões, como muitos dos discursos contrários proferem, ela parte do conceito de interseccionalidade (termo cunhado por Kimberlé Crenshaw) para evidenciar as lutas das mulheres negras que não estavam sendo representadas pelo feminismo hegemônico.

Discorrendo, ainda, sobre a temática, ela acrescenta que “[...] o marcador gênero explica as violências sofridas por mulheres brancas, bem como a categoria raça explica o racismo imposto aos homens negros” (AKOTIRENE, 2019, p. 20), resultando em silenciamento desses corpos e dessas vozes, um verdadeiro epistemicídio, valendo ressaltar que este assunto será abordado mais adiante.

Pensando em lugar de fala, Ribeiro (2017) nos faz refletir sobre o lugar de subalternidade que esses corpos ocupam, sempre pensadas pelas visões do conhecimento hegemônico, silenciadas, tiveram os espaços de poderes negados como as universidades e empregos de prestígios a exemplo, invisíveis pelo sistema, as possibilidades de ascensão social foram-lhes arrancadas, principalmente, pelo o impacto que o sexismo causa em suas vidas sociais, naturalizando os estereótipos sociais como faxineiras e/ou prostitutas. Onde para muitos são os lugares que elas devem ocupar, os racismos cotidianos bem nos lembram disso.⁷ Não obstante, isso não significa que elas são pacíficas diante dessas desigualdades, a muito tempo que projetos de fato são debatidos e o silêncio quebrado, não ouve os gritos quem não quer.

Sendo homem cis e negro, desde o início da graduação simpatizo pelos feminismos, pois, vivo em uma sociedade que as conjunturas possibilitam enxergar o machismo vigente. O interesse pelo Feminismo Negro em específico, surgiu com

⁶ Saiba mais em: <https://www.novamulher.com/noticias/2022/06/07/o-discurso-poderoso-de-uma-menina-de-10-anos-pedindo-fim-do-femicidio-viver-com-medo-nao-e-viver/> Acesso em: 14 abr. 2023.

⁷ Leia mais sobre racismo cotidiano em: Memória da plantação: Episódio de racismo cotidiano (Grada Kilomba, 2019).

transcorrer de minha formação acadêmica, por acesso à leitura transgressora, por isso, como colaborador da causa, me coloco como parceiro.

Para ser feminista não precisa ser mulher, dado a urgência da situação, noto que a sociedade como um todo necessita deste empoderamento, esclareço que jamais saberei ou sentirei na pele o preconceito que essas mulheres enfrentam, porém, como membro da comunidade LGBTQIAPN+ também enfrento preconceitos e sinto como é passar por essas situações e como essas atitudes causam impactos na vida de uma pessoa.⁸

E se pudéssemos criar uma sociedade sem machismo, longe dos ideais patriarcais-machistas até então vigentes? Como seria? Ou por onde começamos? Quem são os beneficiados de uma sociedade capitalista patriarcal como a dos países ocidentais? Quem pode falar ou de onde fala?

2 PARA TODAS, TODOS E TODES: SEJAMOS TODOS FEMINISTAS (2015): ALTERNATIVAS PARA DESCONSTRUÇÃO DE GÊNERO

Sendo à versão adaptada da palestra ministrada por Chimamanda Ngozi Adichie em 2012, apresentado no TEDxEuston, (em uma conferência anual com foco na África), e contando com mais de quatro milhões de visualizações, “Sejam Todos Feministas” (2015) é um livro voltado para todas as pessoas.

Partindo de sua própria vivência como mulher negra na sociedade atual e ao se questionar “por que o feminismo é essencial para libertar homens e mulheres?”, Adichie lança uma narrativa que exemplifica algumas das situações que as mulheres enfrentam na sociedade, pontos cruciais para a educação de jovens, onde meninas poderão crescer assumindo suas identidades, sem se preocuparem em responder às expectativas sociais/padrões alienantes, meninos teriam possibilidades de viverem livres, sem necessidades de se enquadrarem em estereótipos de masculinidades tóxicas.

A autora inicia o livro lembrando o teor negativo que incide sobre os feminismos, bem como as banalizações que, geralmente, recaem sobre as mesmas. Recordando uma conversa com seu amigo de infância, ela narra que estava no meio de uma argumentação quando Okoloma olhou para ela e disse: “Sabe de uma coisa? Você é feminista!”. Não era um elogio. [...] era como dissesse: “Você apoia o terrorismo!” (ADICHIE, 2015, p. 12).

As noções negativas sobre o movimento servem, unicamente, para degradar e afastar as pessoas dos verdadeiros ensinamentos feministas. Continuando, Adichie fala sobre um jornalista ao qual aconselhou-a a nunca se intitular feminista, já que segundo o jornalista, as feministas são mulheres infelizes que não conseguem arrumar marido, em resposta, à autora resolveu se definir como “feminista feliz”.

Do mesmo modo, após uma amiga lhe falar que se ela era feminista, ela deveria odiar os homens, então Chimamanda decidiu se tornar uma “feminista feliz [...] que

⁸ O meu primeiro contato crítico com o racismo se deu em sala de aula, tinha basicamente doze anos de idade, em um diálogo sobre a escravidão, uma professora ao qual não me recordo que disciplina ensinava, apontava com o dedo indicador as possíveis pessoas que seriam escravizados, caso esse sistema desumano perdurasse até os dias atuais, apontando-me o dedo, lembro-me que aquilo para meus sentidos mal treinados era como uma ofensa, (por questões estéticas, já que os padrões de beleza impostos pela à grande mídia é branco, por isso, é preciso desconstruir/ressignificar), os olhares lançados sobre mim pareciam julgar-me, diante disso, passei a me questionar os motivos internos que me fizeram ter tais pensamentos, sem me dar conta que o racismo é estrutural.

não odeia os homens e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para os homens.” (ADICHIE, 2015, p. 14). São tipos de falácias que afastam as pessoas do verdadeiro significado político dos feminismos, “a feminista odeia homens, odeia sutiã, [...] ela não se pinta, não se depila, está sempre zangada [...]” (ADICHIE, 2015, p. 14-15).

Interessante de observarmos na escrita do livro, são as situações diárias ao qual as meninas/mulheres são submetidas e a autora escreve com maestria. Chimamanda recorda que quando estava no primário, no começo do ano letivo, a sua professora iria passar uma prova, onde quem tirasse a maior nota seria o monitor da turma. Mesmo tirando a nota mais alta, a responsabilidade de monitorar a turma ficou a cargo de um garoto que tirou a segunda melhor nota. Nesse momento, ela nos faz um alerta sobre a normalização dos fatos, “se só homens ocupam cargos de chefia nas empresas, começamos a achar “normal” que esses cargos de chefia só sejam ocupados por homens” (ADICHIE, 2015, p 17), essa naturalização do homem como “superior” é histórica, porém não natural, considerando que “[...] Diferentemente do sexo, o gênero seria um: “produto social, aprendido, representado, institucionalizado e transmitido ao longo das gerações” (EDWIRGES e SANTOS, 2019, p. 29 apud SORJ, 2019, p.110).

Partindo do argumento de que 52% da população mundial é feminina, o livro demonstra a desigualdade de gênero que se desenrola no campo da vida profissional, onde vem nos lembrar que os cargos de prestígio em sua grande maioria ainda estão sendo ocupados por homens, ao qual também recebem salários mais altos, mesmo as mulheres apresentando as mesmas qualificações, “[...] nos EUA, quando um homem e uma mulher têm o mesmo emprego, com as mesmas qualificações, se o homem ganha mais é porque ele é homem.” (ADICHIE, 2015, p. 19).

Se tratando das mulheres negras a situação é ainda mais séria. Para elucidar melhor citamos o que nos diz Djamila Ribeiro, “[...] mulheres brancas ganham 30% a menos do que homens brancos. Homens negros ganham menos do que mulheres brancas e mulheres negras ganham menos do que todos. [...]” (RIBEIRO, 2019, p. 23).

Bell hooks em “Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo” (1981), faz uma análise sobre a exploração da mão de obra capitalista das mulheres negras no século XIX, apontando o narcisismo/racismo das feministas brancas de classe média e alta, onde enxergavam no trabalho uma forma de libertação, evidenciando, assim, as desigualdades uma vez que a muito que as mulheres negras trabalhavam, o trabalho assalariado nunca representou sua independência financeira. “Quando as mulheres brancas liberacionistas enfatizaram o trabalho como caminho para a libertação, elas não concentraram a sua atenção nessas mulheres que eram mais exploradas na força de trabalho americano [...]” (HOOKS, 1981, p 105).

O debate sobre a desigualdade salarial retornou na cena brasileira atual, pois, no dia internacional da mulher,⁹ o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva anunciou um pacote de ações para assegurar os direitos das mulheres. Dentre as medidas, o pagamento de salários iguais entre ambos os sexos que desempenham as mesmas funções foi destaque, que em caso de descumprimento as empresas devem pagar multas.¹⁰ Bastante pertinente, pois, segundo os dados do IBGE, as mulheres ganham

⁹ Relembrando que no dia 25 de julho em resistência comemora-se politicamente o dia internacional da mulher Afro-latino-Americana e Afro-caribenha.

em média 77,7% do salário dos homens, em uma realidade onde a população feminina tem maior nível educacional.¹¹ Assim discorre Adichie:

Os seres humanos viviam num mundo onde a força física era o atributo mais importante para a sobrevivência; quanto mais forte a pessoa, mais chances ela tinha de liderar. E os homens, de maneira geral, são fisicamente mais fortes. Hoje, vivemos num mundo completamente diferente. A pessoa mais qualificada para liderar não é a pessoa fisicamente mais forte. É a mais inteligente, a mais culta, a mais criativa, a mais inovadora. E não existem hormônios para esses atributos. (ADICHIE, 2015, p. 21)

Mais adiante, Adichie cita lugares na Nigéria onde mulheres nigerianas não podem frequentar desacompanhadas, citaremos alguns exemplos: ao ser parada por um segurança na porta de um dos melhores hotéis, o segurança a interroga com perguntas irritantes, supondo que por ser mulher nigeriana e desacompanhada “só podia ser prostituta” (2015).

Já dizia Lélia Gonzalez “[...] Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta [...]” (GONZALEZ, 1983, p. 226). Ela continua afirmando que em Lagos, ela não pode ir sozinha a muitos bares e casa respeitáveis, “é preciso estar com um homem” (2015). Em outra situação ela alega que sempre vai acompanhada a um restaurante nigeriano, onde o garçom cumprimenta seu parceiro e a ignora, a fazendo sentir-se invisível, fruto de uma sociedade ao qual é ensinado que os homens são mais importantes.

Em outro momento somos alertados sobre a forma que educamos nossas/os filhas/os, ensinamos às meninas a se preocuparem, demasiadamente, com as opiniões dos homens sobre elas, fato que não é ensinado aos meninos. Argumentamos às meninas para não sentirem raiva, não serem duras ou agressivas, características que nos meninos são exaltados. Um exemplo citado na obra é o casamento, ao qual ensinamos as meninas que o mesmo é uma dádiva, pois a possibilidade de não se casar seria igualado ao fracasso “[...] precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente” (ADICHIE, 2015, p. 28).

Diante disso e embasados na fala da escritora, pretendemos demonstrar como são irracionais as versões de histórias criadas sobre gênero, “menina veste rosa, menino azul”, “meninas devem cozinhar, almejar o casamento, devem gostar de coisas de meninas”, “meninos não devem chorar/mostrar emoções” (ADICHIE, 2015). São versões fragmentadas, que intrínseco e não ingenuamente vem acompanhados de um discurso de poder, onde de alguma forma silenciam as mulheres, colocando-as em situações desagradáveis e perigosas, suscitados por pais secos, rigorosos e sem empatia, com os discursos distorcidos de virilidade.

Sobre a forma nociva que se criam os filhos homens Adichie descreve: “[...] nossa definição de masculinidade é muito estreita. Abafamos a humanidade que existe nos meninos [...]. Ensinamos que eles não podem ter medo, não podem ser fracos [...] precisam esconder quem realmente são – porque eles têm que ser, [...]”

¹⁰<https://www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br/noticias-e-conteudo/trabalho/2023/marco/mes-da-mulher/governo-anuncia-igualdade-salarial-entre-homens-e-mulheres-que-exercam-a-mesma-funcao> Acesso em: 16 abr. 2023.

¹¹<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c0wr0174xw7o> Acesso em: 16 abr. 2023.

homens duros” (2015, p. 31). Vale lembrar que, quanto mais os meninos são pressionados a agirem como durões, mais frágil seu ego se torna, por outro lado, ensinamos as meninas a cuidar do ego frágil do sexo masculino (ADICHIE, 2015), como se futuramente essas meninas fossem substituir as mães desses homens.

Na mídia podemos também observar como as mulheres são representadas nos animes,¹² por exemplo, onde em sua grande maioria são as crianças e jovens que mais assiste, é comum vermos as personagens do sexo feminino sendo retratadas como frágeis, sempre sendo salvas pelos homens. Em outras situações as vemos desempenhando papéis de donas de casa, lavando, passando roupas, cozinhando, reproduzindo assim ideias preconcebidas de gênero.

Em “Dragon Ball”,¹³ por exemplo, vemos o sexismo descarado, onde é mostrado o personagem principal, Goku, apalpando as partes íntimas de uma garota e retirando sua calcinha enquanto a mesma dorme, sempre retratada como objeto, a tal personagem (Bulma) viaja com Goku em busca das esferas do dragão, onde ao conseguir juntar todas (sete ao todo) é lhe concedido desejos, e claro, como “não poderia ser diferente”, tudo que a personagem iria pedir era um namorado bonito e rico.

A cantora norte americana, Beyoncé, faz uso da voz e da escrita de Adichie para exemplificar a diferença na forma da educação e criação de crianças de ambos os sexos, na qual as meninas são ensinadas a se reprimirem e os meninos a serem mais livres e ocuparem mais espaços, a maneira que as nossas crianças são educadas resulta em um mundo desigual, onde um sexo é mais beneficiado que o outro e, quando se trata de meninas negras a opressão é ainda mais acentuada, pois, além de tudo elas também enfrentam o racismo.

A cantora usou trechos da conferência feita no ano de 2012 por Adichie, (que virou livro), “Sejamos Todos Feministas” apresentado no TEDxEuston para produzir sua música e vídeo clipe chamados “Flawless (perfeita) feat Chimamanda Ngozi Adichie”, contido em seu quinto álbum. Utilizando partes da voz de Adichie a música contém a seguinte parte:

Ensinamos as meninas a se encolherem para se tornarem ainda mais pequenas, dizemos para meninas: “você pode ter ambição, mas não muita, você deve ansiar para ser bem-sucedida, mas não muito bem-sucedida, caso contrário, você vai ameaçar o homem”. Porque sou do sexo feminino esperam que eu almeje o casamento, esperam que eu faça as escolhas da minha vida sempre tendo em mente que o casamento é o mais importante, agora o casamento pode ser uma fonte de alegria, amor e apoio mútuo, mas, por que ensinamos as meninas a ansiar ao casamento e não ensinamos a mesma coisa para os meninos? Criamos as meninas para serem concorrentes, não para empregos ou para conquistas que eu acho que podem ser uma coisa boa, mas, para a atenção dos homens, ensinamos as meninas que não podem ser seres sexuais da mesma forma que os meninos são. Feminista-pessoa que acredita na vida social e na igualdade política e econômica entre os sexos (KNOWLES-CARTER, 2014 apud ADICHIE, 2012)¹⁴

¹² Refere-se a um tipo de animação desenhada a mão/computação gráfica, fora do Japão “anime” se traduz como animação japonesa. Para saber mais clicar em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Anime> acessado dia: 18 abri. 2023.

¹³ Série de animação produzida pela Toei Animation, baseado no mangá escrito por Akira Toriyama.

¹⁴ Letra disponível em: <https://www.vagalume.com.br/beyonce/flawless-feat-chimamanda-ngozi-adichie-traducao.html> acessado no dia: 28 abr. 2023.

Em um relacionamento como um casamento, geralmente, a mulher é a que mais abre mão de sua vida pessoal, começando pela a perda do sobrenome, que como posse, o patriarcado impõe que as mesmas adquiram o sobrenome do seu “dono”. Adichie explana que, frequentemente, é uma linguagem de posse de fato, porquanto, quando o homem diz que abrirá mão de algo para se ter paz no casamento, geralmente é deixar de sair as noites todos os dias, enquanto que a mulher ao tomar a mesma atitude, se desfaz em muitos casos de empregos, um passo a mais na carreira, ou um sonho (2015).

A sexualidade nos meninos é exaltada. Quanto mais meninas ele tem relacionamentos mais homem é, enquanto que a virgindade das meninas é elogiada e preservada, nos meninos, quanto mais cedo tem relações sexuais mais “cabra homem” se tornam.

Chimamanda retoma o absurdo das falácias sobre o estupro, ela conta: “Recentemente, uma moça foi estuprada por um grupo de homens, [...], a reação de vários jovens, de ambos os sexos, foi algo do gênero: “Sim, estuprar é errado, mas o que ela estava fazendo no quarto com quatro homens?” (ADICHIE, 2015, p. 35).

Ao invés de propagamos comentários do tipo, o ideal não seria questionarmos formas de educar os homens para que não se cometa tais absurdos? É realmente normal enxergarmos os homens tão sem autocontrole a ponto de a selvageria ser aceitável? Não seria talvez esse fato desumano resultado da forma disfuncional que os educamos sexualmente? Fazemos as meninas sentirem vergonha de sua identidade, “elas já nascem culpadas”, se transformam em mulheres que não podem externar seus desejos (ADICHIE, 2015).

Concordamos com a autora quando, ao relatar que o problema da questão de gênero é que prescreve como devemos ser, ao invés de sermos quem realmente somos. Ninguém nasce com um gene que indicará que cada sexo desempenhara determinadas funções. Cozinhar, por exemplo, é indicado para o feminino, porém, como bem lembrado por Chimamanda, a grande maioria dos “chefs” / cozinheiros mais famosos do mundo são masculinos, por isso, ela coloca a questão de como seria se criássemos nossos filhos exaltado seus talentos ao invés de seu gênero.

Na contemporaneidade é comum observarmos a vitimização dos homens, o pouco que avançamos no tocante dos feminismos de certa forma os ameaçam, alguns comentários que se ouve são eles afirmando que estão perdendo seus direitos/ ou suas posições “naturais”, como chefes de casa, provedores do lar e, ainda, que as mulheres querem agir como eles.

Por isso compartilhamos do pensamento de “sejamos todos feministas” (2015), que isso resulta da insegurança dessas pessoas, é penoso para os ditos cidadãos mudar o status quo atual. “A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então, temos que mudar a nossa cultura” (ADICHIE, 2015, p. 48).

Por fim, conclui-se o livro com Chimamanda falando que para ela, feminista é qualquer pessoa que percebe que existe um problema de gênero e que temos que resolver, por isso sejamos todos feministas. Posto isto e pensando em uma das possíveis alternativas para derrubarmos este sistema patriarcal-machista, sugerimos alcançar as sementes da humanidade, acreditamos no potencial de nossas crianças e jovens, a empatia e a capacidade criativa das mesmas carregam em si todo o potencial transformador, desta forma, para que se mude a situação atual é preciso (re)educar esses jovens para que futuramente as coisas mudem, uma vez que essas crianças serão os futuros adultos de nossa sociedade. Não se nasce racista, não se

nasce machista, homofóbico, xenofóbico, sexista, as conjunturas sociais as/os tornam.

3 UM MANIFESTO PARA EDUCAR PESSOAS FEMINISTAS E EMPODERADAS

Antes de iniciarmos a análise do livro “Para educar crianças feministas: um manifesto” (2017), gostaríamos de colocar a questão do empoderamento¹⁵. Enfatizo que o termo utilizado aqui remete as noções traçadas por Joice Berth (2019), onde, trazendo o conceito pela a ótica do Feminismo Negro, Berth demonstra que é necessário pensar empoderamento para além do esvaziamento que atualmente algumas pessoas fazem sobre o termo, reduzindo-o a mera projeção individual. Pois empoderar-se segundo a autora parte tanto do coletivo para a subjetividade e vice-versa, outrossim:

[...] O empoderamento individual e coletivo são duas faces indissociáveis do mesmo processo, pois o empoderamento individual está fadado ao empoderamento coletivo, uma vez que uma coletividade empoderada não pode ser formada por individualidades e subjetividades que não estejam conscientemente atuantes dentro de processos de empoderamento. (BERTH, 2019, p. 36-37)

Sendo um processo gradual e se utilizando do conhecimento como uma das formas de emancipação de grupos subalternizados, empoderamento deve ser pensado aqui como autovalorização da cultura e estética negra, buscando ativar o senso crítico, bem como a aquisição de ferramentas para acabar com o racismo e sexismo, pois, não existe empoderamento sem a quebra das relações de poder, caso contrário, o conceito é ilusório.

Ao trazer o empoderamento para a esfera da estética, o pensamento de Berth se faz útil para nossa análise, pois, com as estratégias necessárias a coletividade se empodera, adquirindo conhecimentos dos direitos civis/sociopolíticos, resignificando padrões estéticos e culturais, se fortalecendo como corpo social na luta por direitos e reconhecimentos:

É o empoderamento um fator resultante da junção de indivíduos que se reconstroem e desconstroem em um processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas. [...] a consciência crítica é condição indissociável do empoderamento” (BERTH, 2019, p. 37).

Prosseguindo, “Para educar crianças feministas: Um manifesto”, lançado em 2017, trata-se de uma carta de Adichie para uma amiga de infância, que antes havia perguntado a Adichie como educar sua filha nos moldes do pensamento feminista e, posteriormente, sucedeu na criação de um livro, como a própria Chimamanda Adichie diz: “Em resposta ao pedido de minha amiga, resolvi lhe escrever uma carta, na esperança de que fosse algo prático e sincero, e também que servisse como uma espécie de mapa de minhas próprias reflexões feministas.”(ADICHIE, 2017, p. 05).

¹⁵ Empoderamento ao pé da letra corresponde a “dar poder/capacitar”. Porém, quem tem poder? Quais grupos detém o poder?

Enumerando quinze sugestões de grande utilidade para educar crianças feministas, o livro aborda temas como desigualdades de gênero, valorização cultural, e as problemáticas que transcorrem nos papéis de ambos os pais. “A autora trabalha a desigualdade de gênero em um manifesto com conselhos claros e diretos, oferecendo uma formação igualitária a todas as crianças. O livro, que pode ser igualmente lido por homens e mulheres, ajuda na divisão de tarefas de pais e mães” (JESUS e MORAIS, 2021, p. 112). Em decorrência de ser um artigo e o livro conter quinze sugestões, traremos apenas algumas delas para a análise, apesar de todas serem importantíssimas para criar crianças e jovens autônomas e empoderadas e para todes que acreditam na educação como práxis de mudança social.

Inicia-se a primeira sugestão com Adichie aconselhando Ijeawele (Ijeawele é amiga de infância de Chimamanda e mãe de Chizalum Adaora) a ser uma pessoa completa, a nunca acreditar que maternidade e trabalho são excludentes, pois é possível ser mãe e trabalhar fora de casa, porém, para tal, é preciso ter uma base, digo, enquanto trabalha-se fora, o pai da criança pode cuidar do bebê, é aconselhável esse discernimento para acabar com a total dependência das mulheres para com seus maridos, onde muitos acreditam que por regra são os únicos provedores do lar.

Sobre a divisão de tarefas entre os pais, na segunda sugestão, a autora aconselha a ambos dividirem as tarefas da maternidade, “façam juntos. [...] Chudi deve fazer tudo o que a biologia permite- ou seja, tudo, menos amamentar” (ADICHIE, 2017, p. 18). Alerta também para o fato de que ao ajudar a mãe dividindo igualmente suas responsabilidades, o pai não está “ajudando”, mas, está fazendo o correto, pois ao “dizermos que os pais estão “ajudando”, o que sugerimos é que cuidar dos filhos é território materno, onde os pais se aventuram corajosamente a entrar” (ADICHIE, 2017, p. 20). A presença paterna na vida de uma pessoa é igualmente importante, principalmente nas primeiras fases da vida, levando em conta que o bebê é responsabilidade de ambos.

Retomando as implicações sobre papéis de gênero, na terceira sugestão é elucidado que se trata de algo infundado, o ideal é nunca falarmos para uma menina que ela não deve fazer algo por ser do sexo feminino. “[...] Ensine a ela que ‘papéis de gênero’ são totalmente absurdos [...]” (ADICHIE, 2017, p. 21), já que isso não é razão para impedir uma pessoa de explorar o mundo e suas possibilidades.

Chimamanda recorda que quando era criança diziam que ela “deveria varrer a casa direito, como se espera de uma menina”, mas ela diz que preferia que dissesse apenas para “limpar direito, assim o chão ficaria mais limpo” (2017), que o mesmo fosse dito para os meninos, teoricamente, os afazeres domésticos devem ser desempenhados por ambos os sexos, pois, é uma habilidade que pode ser aprendida por todes. A autora analisa o ato de cozinhar como “teste para boas esposas”, e propõe pararmos de condicionar o casamento como prêmio para as mulheres, assim não precisaríamos “discutir tanto se uma esposa precisa cozinhar para ganhar esse prêmio” (2017).

Ficamos abismados como somos treinados desde o nascimento para performarmos papéis de gêneros. Chimamanda compartilha uma experiência em uma loja de roupa infantil, onde diz que, na seção das meninas tinham roupas espantosas, em tons de rosa desbotado e no dos meninos tinham roupas azuis forte e vibrantes, e como ela achou “que o azul iria ficar lindo em contraste com a pele morena” (2017), ela comprou uma roupa azul para sua filha. No caixa, a moça disse que era um bom presente para um garotinho, ao revelar que era para uma menina, a atendente fica horrorizada, “azul para uma menina?”.

Então Adichie questiona-se, já que os bebês têm corpos parecidos porque não expõem as roupas em todas as cores e separam por idade? (2017) O mesmo se dá para os brinquedos, separados por gênero, onde os brinquedos dos meninos demonstram algum tipo de ação, exaltam grandes profissões e as das meninas são passivos, sendo a grande maioria bonecas, como relata a autora. Analisando criticamente os brinquedos de meninas, notamos que se assemelha a um tipo de treinamento para futuras esposas e boas mães, percebam, os brinquedos para meninas costumam ser cozinhas de brinquedo, bebês de brinquedos e afins.

Chimamanda narra uma situação que ocorreu em um shopping, onde uma menina de sete anos pediu um helicóptero de brinquedo à mãe. Essa última negou, afirmando que a filha tinha suas bonecas para brincar, comentando sobre Adichie pondera:

Nunca me esqueci daquilo. A intenção da mãe era boa, claro. Era bem versada nas ideias de estereótipos de gênero — meninas brincam com bonecas e meninos brincam com helicópteros. Agora me pergunto, um pouco sonhadora, se a menininha não teria virado uma engenheira revolucionária se tivessem dado a ela a chance de explorar aquele helicóptero. (ADICHIE, 2017, p. 11).

O ato de brincar, de se vestir, não está ligado a genitálias das crianças, da mesma forma que cozinhar, arrumar a casa não é predestinado as meninas e, ao fazê-lo não tornam os meninos menos “machos”, uma vez que essas atitudes são geradas pela a sociedade e não é algo natural, porém artificial, que impedem as crianças de explorarem o mundo e serem pessoas mais completas.

Sabemos que o ato de ler – nas sociedades ocidentais – é vultuoso para criar autonomia, senso crítico e desenvolvimento pessoal. Na quinta sugestão é justamente esse conselho que é indicado para as mães ensinarem as filhas/os. Lembra a autora que o exemplo seria ideal para inspirar as crianças a leitura, pois ao observar os pais lendo é possível que as mesmas sintam curiosidade e desenvolvam o gosto pelos livros. O artigo “Para Letrar Crianças Feministas: Representação dos Feminismos na Literatura Infantojuvenil” (2021) é bastante interessante, partindo da relevância do letramento literário de jovens e adolescentes para a formação de uma identidade feminista, os autores indicam livros inspiradores para leitura infantil, como no caso do livro “O Mundo no Black Power de Tayó”, escrito por Kiusam de Oliveira e ilustrado por Taisa Borges (2013), que em 2012 recebeu o prêmio PROAC Cultura Negra e foi listado no ranking dos dez livros mais importantes do mundo pela ONU.

Nele, Tayó, é uma menina de 6 anos que ama, cuida e enfeita diariamente seu black power, com a autoestima elevada, a personagem é bastante confiante para enfrentar os preconceitos de seus colegas de classe, onde em resposta diz, “Meu cabelo é muito bom porque é fofo, lindo e cheiroso. Vocês estão com dor de cotovelo, porque não podem carregar o mundo nos cabelos [...]” (JESUS e MACHADO, 2021, p. 116 apud OLIVEIRA, 2013, p. 27).

Ainda sobre a relevância da literatura nas primeiras fases da vida, Chimamanda fala que não é sobre ler somente os livros escolares, indica leituras como autobiografias, histórias, romances, justamente porque “[...] a leitura precisa envolver e contextualizar as questões de raça, cultura, lugar de origem, sexualidade e religião” (JESUS e MACHADO, 2021, p 114).

A sexta sugestão ensina “a questionar a linguagem” (2017), por ser simbólica, a linguagem pode carregar preconceitos e pressupostos negativos, pode aprisionar

grupos e etc. Para Michel Foucault (2001), discurso e poder se articulam, quem tem direito ao discurso legitimado tem o poder. Refletindo sobre a premissa do cavalheirismo, onde pressupõe a fragilidade feminina, é descrito que ao chamarmos as meninas de “princesas” estamos inculcando essas ideias, mesmo sendo com boas intenções, direcionar-se desta maneira presume “o príncipe que virá salvá-la” (ADICHIE, 2017).

Existe nesse pressuposto uma ideia de superioridade masculina. Por isso questionar a linguagem é válido, a “[...] linguagem, a depender da forma como é utilizada, pode ser uma barreira ao entendimento e criar mais espaços de poder em vez de compartilhamento, além de ser um – entre tantos outros – impeditivo para uma educação transgressora” (RIBEIRO, 2017, p.17).

As pessoas devem ser educadas a não se preocuparem em agradar, essa é a premissa da oitava sugestão. Dizemos as meninas para serem agradáveis, boazinhas, fingidas, ao invés de incentivarmos a serem honestas, corajosas autênticas/abraçarem suas personalidades, sendo perigoso, pois, muitos predadores sexuais se aproveitam disso (2017), são várias as meninas que se calam diante de um abuso sexual por querer ser boazinha, viver a própria personalidade é ser empoderada/o também. Empoderamento implica conhecimento acerca da cultura ao qual estamos inseridos ou fazemos parte: ler, estudar, conhecer nossos direitos jurídicos e sociais é primordial para o empoderamento de grupos subjugados.

Chimamanda, na nona sugestão, recomenda inculcar senso de identidade nas crianças, onde aconselha a educar Chizalum para ter orgulho de ser mulher igbo, “[...] ensine-a a abraçar as partes bonitas da cultura igbo e ensine a rejeitar as que não são [...]” (ADICHIE, 2017, p. 51). A autoafirmação como sujeitos e não como objetos, deve partir do senso de pertencimento e do conhecimento de sua própria história, nas palavras de Berth:

[...] Seria estimular, em algum nível, a auto aceitação de características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo em volta, e, ainda, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade. (BERTH, 2019, p. 18).

As crianças crescem vendo pessoas brancas na Tv, nos jornais, na nossa cultura como um todo. Os palpites de Adichie nos fazem lembrar as implicações do branqueamento racial, processo pelo qual valoriza-se a raça branca como pura, esteticamente belo e aceitável, dinamismo que perdura até os dias atuais e que busca embranquecer e eliminar as populações negras, indígenas e demais etnias.

Não à toa que a autora salienta que é necessário mostrar a beleza e capacidade de resistência dos africanos e dos negros (2017), pois, sabemos que a muito tempo a mídia e a cultura mostram a imagem das negras/os de forma pejorativa. Chimamanda salienta ainda que os “[...] professores serão ótimos em ensinar matemática, ciência, artes e músicas” (ADICHIE, 2017, p. 53), mas orgulho deve partir dos ensinamentos paternos, pois os currículos falham nesta questão.

Imaginem os impactos psicológicos que incidem sobre pessoas que crescem não sendo representadas nas grandes mídias e têm seus corpos manchados pelas ideologias racistas que insistem em lembrar que os mesmos são “outros”, que “não pertencem” e “não são desejáveis”.

Questionando-se se estética é empoderamento, Berth teoriza as problemáticas que envolvem os corpos e a beleza negra. Quando a sociedade cria padrões que envolvem a aparência pautadas em hierarquias de raça/gênero, com efeitos, surgem cisões: uma parcela é bela, admirável, por outro lado teremos o contrário, o “feio”, “o rejeitável”, “[...] o que é aceito e o que não é aceito e, portanto, deve ser excluído para garantir a prevalência do que é socialmente desejável” (BERTH, 2019, p. 70).

Posteriormente, Adichie faz algumas considerações sobre o cabelo afro, dizendo que não devemos associá-lo a dor. Ela relembra que na infância, chorava todas as vezes que trançava seus cabelos, por causa da dor e sugere deixar os cabelos soltos ou em grandes tranças, aconselha a não usar pentes finos que não foram feitos pensando em cabelos afros (2017). Continua afirmando que as crianças são inteligentes o suficiente para perceberem desde cedo “[...] qual é o tipo de beleza que se valoriza. [...] verá que se valoriza a pele branca. Perceberá que o tipo de cabelo que se valoriza é o liso ou o ondulado [...]” (ADICHIE, 2017, p. 59).

Quantas meninas negras tiveram dores de cabeça ou alergias utilizando produtos químicos nos cabelos, puxando e repuxando, almejando alcançar o tipo de cabelo “desejável”? Então, é preciso quebrar com pressupostos/preconceitos sobre os cabelos afros, não existe cabelo ruim ou feio, pois, “[...] o belo é uma percepção e como percepção pode ser alterada, manipulada ou influenciada [...]” (BERTH, 2019, p.70). O cabelo afro é símbolo/sinônimo de resistência, onde serviu de inspiração para vários movimentos antirracistas.¹⁶

No artigo “Quem tem medo de Lelia Gonzalez”? (2021) Fernanda Araújo fala um pouco sobre sua própria experiência, onde diz que através desse traço se aceitou e descobriu sua ancestralidade, relatando, “[...] sendo uma mulher negra de pele clara, que chega a esse auto definição, depois de um processo de transição capilar e aceitação do cabelo crespo. Cabelo meu, que foi escondido, [...] chamado pejorativamente de “bombriil”, e posteriormente alisado exaustivamente. (OLIVEIRA, 2021, p. 11).

Sobre o assunto, Berth (2019) orienta que é preciso um processo árduo de fortalecimento e ressignificação simbólica e prática dos estereótipos sobre o cabelo crespo, visando fortalecer a autoestima e romper com a hegemonia racista colonialista, que tanto assola as mulheres negras desde a infância. É nossa responsabilidade enaltecer os movimentos que se pautam nessas questões, necessitamos, urgentemente, de um resgate, de um mergulho em busca de nossas raízes culturais, como diz Berth (2019).

4 O PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA: EPISTEMICÍDIO E SILENCIAMENTO INTELLECTUAL DO FEMINISMO NEGRO NA EDUCAÇÃO

Este livro se concretizou baseado na primeira fala de Chimamanda ao TED Talk em 2009, mais de uma década após, a palestra obteve mais de 18 milhões de visualizações.¹⁷ Chimamanda embasa sua fala na problematização que envolve as versões contadas ou as únicas versões que são narradas sobre determinadas histórias/fatos, propondo sermos cautelosos ao ouvir somente uma versão dos

¹⁶ 15 de setembro é comemorado o dia do cabelo Afro, idealizado por Michelle de Leon. Saiba mais no link: <https://mundonegro.inf.br/orgulho-crespo-conheca-iniciativas-globais-que-enaltecem-o-cabelo/> Acesso em: 02 mai. 2023.

¹⁷ https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/c?language=pt Acesso em: 15 maio. 2023.

eventos, bem como a importância de diversificarmos as fontes de conhecimentos (ADICHIE, 2019).

Como boa contadora de histórias, a autora foi uma leitora e escritora precoce, recordando que sempre lia livros infantis britânicos e americanos. Relatando que todos os personagens que ela escrevia aos setes anos, refletiam exatamente os personagens que ela era acostumada a ler: eram todos brancos de olhos azuis. Todavia, o que queremos elucidar e compartilhar com o pensamento de Adichie é que somos “impressionáveis e vulneráveis [...] diante de uma história, particularmente durante a infância” (ADICHIE, 2019, p. 13).

O perigo reside exatamente nessa problemática, ao ouvirmos uma única versão da realidade ou apenas uma única versão dimensional do mundo, cria-se estereótipos, exclusões e ausência de representatividade. Por exemplo, temos os filmes que contam histórias de princesas e príncipes, onde tecnicamente todas/os são brancas/os, a coisa é ainda maior, apenas usamos esse pequeno exemplo para demonstrar o que está sendo dito.

Pegando de empréstimo as ideias de Sueli Carneiro (2005) em sua tese de doutorado, “A construção do outro como não-ser como fundamento do ser”, pretendemos fazer uso de seus apontamentos para fundamentar nosso debate e pensar as “múltiplas formas em que se expressam as contradições vividas pelos negros com relação à educação e, sobretudo, as desigualdades raciais nesse campo.” (CARNEIRO, 2005, p. 98).

No terceiro capítulo, denominado “Do epistemicídio” (2005), Carneiro entrelaça o dispositivo da racialidade¹⁸ com o epistemicídio, desenvolvendo um debate fundamental sobre a negação/desvalorização intelectual da população negra nas instituições educacionais. Nessa concepção, Susel Rosa em seu artigo “Não deixem a tinta coagular em suas canetas”: por uma escrita orgânica (2019), cita Sueli Carneiro e expressa do que se trata o epistemicídio trabalhado pela filósofa:

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo.[...] É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que em outros casos lhe é imposta. [...] (OLIVEIRA, 2019, apud CARNEIRO, 2005, p. 97-98)

Articulado com as instituições educacionais, o epistemicídio marca os corpos negros como o outro, o não-ser como diz Sueli Carneiro (2005), fere a racionalidade das meninas negras e afasta delas um ensino real, palpável e que esteja em consonâncias com o cotidiano delas. Ao reproduzir um ensino canônico, elitista, cristalizado as escolas e universidade destilam epistemicídio, não somente, se faz presente esse dispositivo quando se é negado ferramentas (cotas raciais, bolsas para

¹⁸ Sueli Carneiro atualiza as noções do conceito de “dispositivo” de Michel Foucault e cria o dispositivo da racialidade. Para saber mais leiam os textos “A Construção do Outro Como Não-Ser Como Fundamento do Ser” (2005), ou “Racismo Biológico e Dispositivo da Racialidade: de Michel Foucault a Sueli Carneiro” (2020).

a permanência de pessoas em situações vulneráveis e afins...), ou condições para uma educação de qualidade ou quando o racismo epistêmico opera, desqualificando os negros como seres racionais e atrelando os negros apenas com a escravização.

Seria interessante, além de um ensino transgressor, que tragam conhecimentos acerca da diáspora negra, do feminismo negro, da cultura negra, das raízes e antepassados dessa população, que cada escola de ensino básico construa bibliotecas para uso dos estudantes, e que neles contenham livros sobre essas pautas. Djamila Ribeiro em seu livro “Quem tem medo do feminismo negro?” (2018), exemplifica, logo na introdução, as questões que envolve a falta de representatividade e o racismo na vida de adolescentes negras nas escolas, sendo uma das poucas alunas negras da instituição disciplinar ela diz:

[...] na maior parte da minha infância e adolescência, não tinha consciência de mim. Não sabia por que sentia vergonha de levantar a mão quando a professora fazia uma pergunta já supondo que eu não saberia a resposta. Por que eu ficava isolada na hora do recreio. Por que os meninos diziam na minha cara que não queriam formar par com a “neguinha” na festa junina. Eu me sentia estranha e inadequada, e na maioria das vezes, fazia as coisas no automático, me esforçando para não ser notada. (RIBEIRO, 2018, p. 06)

Professores e autoridades educacionais são condizentes com o epistemicídio ao fazer vista grossa a essas violências nesses ambientes. O silenciamento frente a essas atitudes também é um silenciamento das subjetividades dessas pessoas, compartilhando desta forma com o genocídio que ocorre com esses corpos. Uma única versão da história, como as versões do conhecimento colonial/ hegemônico, legitimado pela a racionalidade científica, encalca nesses indivíduos uma falta de pertencimento, uma alteridade fora, estranho ou estrangeiro, que de certa forma ameaça o outro polo.

Queremos dizer, quando as escolas ou universidades reproduzem conhecimento de “grandes heróis” brancos, do branco como portador de civilidade e resume os conhecimentos sobre os negros a escravização ou inferiorização intelectual dos mesmos, o resultado é o racismo, a falta de representatividade, culminando em desinteresses por partes dessas alunas(os), evasão escolar, como no caso de Djamila Ribeiro que relata que “[...] todo dia tinha que ouvir piadas envolvendo meu cabelo e a cor da minha pele. Lembro que nas aulas de história sentia a orelha queimar com aquela narrativa que reduzia os negros a escravidão, [...] como se não houvesse existido resistência” (RIBEIRO, 2018, p. 06). Ou ainda quando tinha que se encolher na carteira ou chegar atrasada às aulas como tentativa de não ser notada.

Sobre a evasão escolar, Sueli Carneiro tem suas considerações e explica que os negros comparados aos brancos de mesmo nível social, tem escolaridade inferior, e que os brancos têm sete vezes mais chances de terminar os estudos universitários (2005, p. 114). Trazendo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a filósofa acrescenta “[...] Na faixa etária de 14 e 15 anos, o índice de negros não alfabetizado é 12% maior do que o de brancos não alfabetizados [...]” (CARNEIRO, 2005, p. 114). Consequência das desigualdades raciais, étnicas e sociais que obrigam esses corpos à subalternidade, é importante criarmos espaços de escuta, como nos convida Susel Rosa (2019) em resposta ao chamado de “Lugar de Fala” de Djamila Ribeiro (2017).

Trago para o debate a provocação de Rosa (2019), pois se mostra indispensável para a proposta aqui explanada. Criar espaços de escuta é criar meios para que outras histórias sejam contadas, evitando narrativas únicas, por razão de

que ao “[...] promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal. Busca-se aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva” (RIBEIRO, 2017, p. 39). Seguindo essa linha, nas palavras de Adichie:

[...] eu só tinha lido livros nos quais os personagens eram estrangeiros, tinha ficado convencida de que os livros, por sua própria natureza, precisavam ter estrangeiros e ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. Mas tudo mudou quando descobri os livros africanos. [...] percebi que pessoas como eu, meninas com pele cor de chocolate, cujo cabelo crespo não formava um rabo de cavalo, também podiam existir na literatura. Comecei a escrever sobre coisas que eu reconhecia. (ADICHIE, 2019, p. 13-14)

A ausência de debates sobre o Feminismo Negro na educação é epistemicídio, já que o conceito abriga as formas de matar ou desqualificar, epistemologicamente, conhecimentos de grupos e de outras culturas. A violência colonial imposta no Brasil pelos portugueses, a chamada “descoberta do Brasil”, foi uma violenta imposição cultural, uma aculturação dos povos originários aqui presentes. Não bastando o trabalho forçado, processo de escravização, o que ocorreu foi um genocídio étnico.

A injunção da religião cristã, da língua portuguesa e dos costumes educacionais lusitanos, foram uma tentativa de exterminar os conhecimentos dessa população, essencialmente foi epistemicídio. Em se tratando de religião, observamos como o alerta de Adichie é importante. Demonizar as religiões afrodescendentes é exaltar uma história única, entendemos que o cristianismo sendo a religião oficial, engendra discursos que autorizam uma versão única do sagrado.

Não obstante, sustentamos que existem diversidades étnicas, que cada nação ou povo evolui à sua maneira, e isso é divino, pois, a própria natureza é mutável e não estável. “Pensar novas epistemologias, discutir lugares sociais e romper com uma visão única não é imposição-é buscar por coexistência” (RIBEIRO, 2018, p. 18).

Estamos na quarta onda do feminismo, momento ao qual o Feminismo Negro teve maior visibilidade, mesmo que há muito tempo já existisse pensadoras negras reivindicando suas vozes e existências. O feminismo hegemônico tinha o poder, pois tinham direito ao discurso. Sobre discurso e poder, Chimamanda Adichie complementa, “[...] como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder” (ADICHIE, 2019 p. 23).

Isto nos remete ao feminismo negro, que lutam contra as ideias eurocêntricas, ao qual favoreciam e ainda favorecem apenas algumas mulheres, sem levar em conta as questões de raça, gênero e classes sociais. De quais mulheres se falavam nos meios acadêmicos? As experiências são diferentes, por isso é importante não ocultar outras histórias, “O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva. [...] Comece a história com as flechas dos indígenas americanos, e a história será completamente diferente” (ADICHIE, 2019, p. 23).

As versões de uma única história podem moldar estereótipos, formatar e limitar nosso pensamento, como já mencionado antes. Sobre isso, Adichie argumenta que: “A história única cria estereótipos e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (ADICHIE, 2019, p. 26). Não é novidade que a História da humanidade foi escrita majoritariamente por homens, ocultando as mulheres das produções

acadêmicas e criando discursos sobre as mesmas, são inúmeros os textos que tratam sobre as mulheres e criam moldes sobre essas pessoas.

Grada Kilomba em “Memória da Plantação” (2019), escreve que os termos mulata/o, mestiça/o, cabrita/o eram utilizadas para designar pessoas negras, principalmente as mulheres negras que mais sofrem tais violências, ela diz (KILOMBA, 2019, p. 19):

Estes termos de nomenclatura animal foram altamente romantizados durante o período de colonização, em particular na língua portuguesa, onde são ainda usados com um certo orgulho. Esta romantização é uma forma comum da narrativa colonial, que transforma as relações de poder e abuso sexual, muitas vezes praticadas contra a mulher negra [...] que resultam num novo corpo exótico e ainda mais desejável. Além disso, esses termos criam uma hierarquização dentro da negritude, que serve à construção da branquitude como a condição humana ideal acima dos seres animalizados, impuras formas da humanidade. [...]

Analisando o que foi explanado nas linhas anteriores e levando em conta as problemáticas que envolvem o “perigo de uma história única” (2019), concluímos que as narrativas que são produzidas e dirigidas diretamente para as crianças do sexo feminino são extremamente machistas e agressivas. Educadas desde então a servir aos valores de uma sociedade misógina e patriarcal, desde as escolhas dos brinquedos, até a forma de se comportarem, remetem a uma forma de as encaixarem em uma “caixinha” de valores anacrônicos. A história única da qual nos fala Adichie entra aí, nessas narrativas que insistem em dar a elas uma única parte da história.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para fins de conclusão, é preciso pensar a educação básica e problematizá-la, como ambiente de exclusão e inclusão, são nesses espaços que se formam humanos pensantes, mas, que também se criam opressões. Juntos, professores e alunos são capazes de reviver uma sociedade mais justa e igualitária, uma sociedade onde se reconheça o outro como iguais, humanos, com todas as implicações inerentes. “[...] Nesse sentido, seria urgente o deslocamento do pensamento hegemônico e a resignificação das identidades, sejam de raça, gênero, classe para que se pudesse construir novos lugares de fala com o objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos que foram considerados implícitos dentro dessa normatização hegemônica” (RIBEIRO, 2018, p. 25).

Em vista disso, a trilogia de Adichie como metodologia aqui analisada, busca dar aporte a essas reivindicações, enfatizando que os escritos da mesma são bastante impactantes para leituras recreativas, ou para serem utilizados como métodos de ensino. Além de ser uma leitura não densa, ela parte da teoria para a prática, ou seja, são situações que as mulheres enfrentam em uma sociedade machista, ao qual, ela demonstra sua aplicabilidade de forma leve e didática, contribuindo desta forma para o fortalecimento coletivo, ora, fortalecer as mulheres, também, é fortalecer e empoderar o comunitário.

Levando em consideração a falta dos ensinamentos sobre os feminismos, buscamos também neste trabalho, dar destaque ao Feminismo Negro. Em diálogo com outras/os autoras/es, almejamos ressaltar as implicações que jovens negras enfrentam, tanto no ambiente de ensino, como na sociedade em geral. Então, é de

suma importância que, seja introduzido nos currículos escolares estudos sobre o Feminismo Negro, pois como resultado desta pesquisa, concluímos que essas temáticas são praticamente inexistentes nesses espaços, demonstrando que a desigualdade educacional se relaciona com a racial, ou seja, as questões de gêneros se mostram limitadas a os ensinamentos tradicionais, desconsiderando as outras mulheres.

O pensamento interseccional (2019), permite-nos fazermos um paralelo com outras opressões, onde cito que “[...] reconhecer a perversidade das violências transfóbicas e homofóbicas sem, conjuntamente, compreender que só acontecem devido ao sistema sexo-gênero, que produz privilégios cisgênero e heterossexuais, é parte deste mesmo esforço colonial de apagamento.” [...] (NÚÑEZ e VILHARVA, 2022, p. 05), para não deixarmos de citar as opressões que todas as outras mulheres sofrem, como as mulheres transexuais, lésbicas, gordas, indígenas e demais expressões do feminino. Por isso é importante questionarmos nossos privilégios.

Chimamanda trabalha as questões de gênero de forma clara e prática, assim sendo, é bastante útil para a educação de crianças e jovens. Ela, parte de problemáticas atuais para elucidar as desigualdades e as formas como a sociedade é opressora, deixando a reflexão das urgências de educamos nossas crianças para a formação de uma sociedade justa e harmoniosa para todas/os/es, como demonstrado em “Para Educar Crianças Feministas: Um Manifesto” (2017).

É de suma importância acabarmos com esse sistema hegemônico, que cria opressões, privilégios, estereótipos e que rejeita as outras formas de expressões e etnias, exaltando as versões de uma história única (2019). Nessa direção e como possibilidades de futuras pesquisas, cito: “ARTESANATO NARRATIVO E AS TEIAS DA PALAVRA: PERSPECTIVAS GUARANI DE RESISTÊNCIA” (2022), que assim discorre “[...] A colonialidade não admite concomitância, toda hegemonia se faz com sangue [...]” (NÚÑEZ e VILHARVA, 2022, p. 07).

É necessário pensarmos em políticas antirracistas e antimachistas. Se faz urgente sonharmos com um mundo melhor, onde as pessoas possam se expressarem e serem quem realmente são. Precisamos derrubar esses lugares reservados às mulheres na sociedade, quebrar com essas amarras de gênero e dar vozes às que foram por muito tempo silenciadas e oprimidas. Deixo as provocações de Chimamanda Ngozi Adichie para pensarmos essas questões, e tentar conscientizar a humanidade na esperança de dias melhores, que assim seja.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla, **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1 de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a política de fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. **Portal da Legislação**, Brasília, 16 fev. 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm. Acesso em: 10 mar. 2023.

CARNEIRO, Sueli Aparecida. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese de Doutorado (Doutorado e Filosofia da Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CRENSHAW, K. **demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. University of Chicago Legal Forum: 1989.

EDWIRGES, Milena da Costa; SANTOS, Gislene Aparecida dos. Mulheres negras na diáspora: o feminismo negro e a construção dos sujeitos políticos. **Boletim de Política Públicas**, São Paulo, v. fe, n. 19, p. 23-36, fev. 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber 1**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FERRAZ, T. F.; MACHADO, R. C. Para educar crianças feministas: um manifesto como um caminho para um ensino antirracista e antimisógino. **Revista estudos libertários**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 10, p. 7-22, abril. 2022.

GOMES, NILMA LINO. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Hoje**, São Paulo, p. 223-244, 1987.

HOOKS, Bell. **“E eu não sou uma mulher?”**: mulheres negras e feminismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, Estéfany Ingridy Cruz de; MORAIS, Jorge Adrihan do Nascimento de. Para letrar crianças feministas: representação dos feminismos na literatura infantojuvenil. **Letras**, Curitiba, v. 23, n. 40. P. 111-122, mar. 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: estudos de racismo cotidiano. São Paulo: Cobogó, 2019.

MOVIMENTO FEMINISTA NEGRO NO BRASIL | NÚBIA MOREIRA. Café filosófico CPFL. **Youtube**. 20 de nov. 2016. 47 min 32s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TQa0La1YIFw> Acesso em: 07 mar. 2023.

NÚÑEZ, G.; VILHARVA, N. ARTESANATO NARRATIVO E AS TEIAS DA PALAVRA: PERSPECTIVAS GUARANI DE RESISTÊNCIA. **Revista Feminismo**, [S. l.], v. 10, n. 2 e 3, 2022.

OLIVEIRA, Kiusam de. **O mundo no black power de Tayó**. São Paulo: Editora Petrópolis, 2013.

OLIVEIRA, Fernanda Araújo de. **“quem tem medo de lélia gonzalez”?**. 2021. TCC-artigo (graduação Licenciatura Plena em História) – Curso de História, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de Fala?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROSA, Susel Oliveira da. “Não deixem a tinta coagular em suas canetas”: por uma escrita orgânica. **Sæculum – Revista de História**, v. 24, n. 41, p. 236-247, 2019.

ROSA, Susel Oliveira da. Racismo biológico e dispositivo da racialidade: de Michel Foucault a Sueli Carneiro. In: JÚNIOR, Antonio Gaparetto; TAMAGINO, Pedro Ivo

Dias. (org). **Democracia e estado de exceção: entre o temporário e o permanente**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2020, p. 163-178.

SORJ, B. O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. *In*: HOLLANDA, H. B. de (org.). **Pensamento Feminista Brasileiro: formação e Contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.